

EM SUAS MARCAS

Ana Cristina Melo

EM SUAS MARCAS

Garamond

Coleção Olímpia

Coordenação: Cristiane Amorim

Revisão: Raquel Menezes

Projeto gráfico e editoração: Estúdio Garamond

Capa: Thiago Antônio Pereira

Copyright © Ana Cristina Melo

Direitos cedidos para esta edição à

Editora Garamond Ltda.

Rua Cândido de Oliveira, 43

Rio de Janeiro · RJ · Brasil · CEP 20.261-115

Tel: (21) 2504-9211 · editora@garamond.com.br

www.garamond.com.br

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M472s

Melo, Ana Cristina

Em suas marcas / Ana Cristina Melo; [coordenação Cristiane Amorim]. - 1.

ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

116 p. : il.; 21 cm. (Olímpia; 2)

ISBN 9788576174158

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Amorim, Cristiane. II. Título. III. Série.

15-22638

CDD: 028.5

CDU: 087.5

9 anos antes, Olimpíadas de Atenas...

– Olhem! Aconteceu algum problema com o Vanderlei!

O menino que brincava, distraído, com seu boneco, fazendo-o nadar numa caixa de sapatos improvisada de piscina, levantou os olhos para a tevê, enquanto o comentarista da prova olímpica enchia a sala com sua angústia de torcedor.

– Que absurdo, alguém empurrou o Vanderlei! Como será que vai reagir nosso atleta, que vinha liderando desde a metade da maratona, com grande vantagem pro segundo colocado?

A imagem do homem de roupa engraçada, empurrando Vanderlei para o meio do público, era repetida várias vezes. O menino grudava sua atenção na expressão de dor do moço magro que tinha a cara do seu pai, e que estava se esforçando para correr do jeito que fazia antes.

Seu olhar grudou também nas passadas que já não pareciam tão leves. Pedro abraçou seu boneco e mudou as pernas de posição, bem devagar, pronto para esperar o final. Quando viu na tevê o maratonista ser ultrapassado, uma, duas vezes, sentiu uma tristeza como se tivessem lhe tomado seu melhor brinquedo. Mas nem por isso abandonou a torcida. E no instante em que o moço atleta entrou no estádio de nome difícil, o menino se transportou para a arquibancada, gritando ao lado de todos que aclamavam Vanderlei e seu gesto de aviãozinho.

Ali, no berço das Olimpíadas, aconteceu a primeira medalha do atletismo, uma medalha de bronze com gosto de ouro, e a primeira que chamou a atenção do menino Pedro, fazendo-o se imaginar parte daquele mundo.

Ele se destacava na rua de pouco movimento. Deslizava rápido, avançando com atenção pelos cruzamentos, mas sem se deter em nenhum deles. Sorria e cumprimentava alguns conhecidos que vez ou outra encontrava desfilando suas sacolas de mercado, embrulhos da farmácia ou pacotes de pão quentinho para o lanche da tarde.

A subida exigia o máximo do seu corpo, mas era um esforço já conhecido e superado, afinal aquele era o trajeto diário para ir ao colégio. A cada pedalada, mais e mais, seus sentidos e sua máquina de duas rodas pareciam se transformar em um só. Mãos e *joystick*, dominando cada novo centímetro de asfalto.

No penúltimo quarteirão, um antes do que normalmente entrava, Pedro inclinou de leve o corpo para a direita, tangenciando a curva da rua transversal. Algumas pedaladas e logo alcançou a via principal. A subida agora se mostrava mais íngreme, mas ele gostava do desafio. A calçada irregular, numa região sem ciclovia, era uma opção que ele preferia descartar.

Colado ao meio-fio, disputou a ladeira com os veículos que desciam em alta velocidade. O vácuo de ar, provocado por um ônibus que passou a poucos centímetros, quase desestabilizou a bicicleta, mas com destreza ele manteve o controle.

Estava a poucos metros do fim da subida, quando aconteceu o primeiro susto. Ao desviar de um saco de entulho jogado no meio-fio, se viu frente a frente com outro coletivo que havia atravessado a cidade.

A manobra foi rápida e milimétrica, evitando o pior. Congelado de medo, qualquer um teria parado para recuperar o fôlego, mas ele

não. Com a pulsação ainda acelerada, Pedro decidiu seguir, pois só pensava em não desapontar o treinador, que estava no clube àquela hora apenas por sua causa. Tinha ficado até o último segundo ajudando o pai na oficina, um segundo retesado ao máximo como corda de arco e flecha. Por isso, não podia parar.

Enquanto descia a calçada do posto de saúde, deixou o coração assimilar o perigo que correu sem necessidade, as pequenas emoções do cotidiano e os veículos com os quais ainda disputava a preferência do asfalto. Se não fosse pelo atraso, teria gostado de dar uma ou duas voltas na praça logo à frente, como sempre fazia antes dos treinos. Porém os minutos continuavam despencando naquela ampulheta invisível, mesmo que implorasse para ela pisar um pouco no freio.

Saindo da calçada do supermercado, fez a curva no posto de gasolina como se fosse a última braçada para a vitória. Foi então que, no intervalo de uma batida do coração, ele a viu, ela e seus cabelos ondulados, em seus movimentos alegres e decididos, embalando a animada conversa no portão do prédio onde morava.

Rebeca... e por culpa dela irrompeu o segundo susto.

Uma criança de não mais de três anos apareceu cruzando o caminho de sua bicicleta. Sem tempo de desviar, fritou o pneu, parando meio enviesado, a centímetros da garotinha.

Pedro congelou de terror. Poderia ter feito algo horrível. Poderia ter estragado tudo. Comoveu-se com o choro da menina à sua frente, apavorada com a violência da freada. O choro que se misturou aos gritos da adolescente que veio correndo ao encontro deles.

Mais uma vez Rebeca.

A Rebeca de sua distração, sempre responsável por tirar seu foco, durante a aula, nos corredores do colégio, nas ruas do bairro.

Rebeca, a colega do primeiro ano do ensino médio, que desde que se conheceram, há dois anos, nunca lhe dera um oi ou um sorriso.

– Ficou doida, como você se afasta assim e sai correndo na frente desse irresponsável? Mamãe não disse que era pra brincar perto de mim?

Ignorando a bronca que respingava nele, Pedro voltou-se para a criança que soluçava. Descansou a bicicleta no chão, se agachando para ficar de sua altura.

– Ei, está tudo bem! – acariciou os pequenos cabelos despenteados, tentando acalmá-la.

Parou ao ouvir o tom de desprezo desenhado numa frase interrogativa.

– E você, está maluco? – ele levantou os olhos. – Como vem nessa velocidade? Vocês adoram se exhibir, mas não passam de uns idiotas.

Pedro sequer teve tempo de pedir desculpas. Rebeca já arrastava a irmã, passando-lhe outro sermão, bem maior do que o quase um metro da menina. Parou de gritar apenas quando voltou ao bate-papo descontraído com a amiga que a esperava na portaria do prédio.

Ele, do alto dos seus quase dezesseis anos, suspirou. Um suspiro profundo. Olhou com ternura para a garotinha. Ela, porém, com toda sua simplicidade pueril, já não dava mais atenção ao incidente. Tinha parado de chorar, olhando espichado para ele, com um jeito curioso, até que o presenteou com um sorriso engraçado de dentes falhos, debochando da irmã.

Aliviado, ele retribuiu a careta. Montou a bicicleta e voltou ao seu caminho. Poucos metros o separavam do clube e da melhor marca que ainda planejava obter naquele dia. E nada o desviaria do seu objetivo. Assim achava, pois não sabia o que aquela semana tinha lhe reservado.